



UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Trabalho de Fim de Curso

Título:

“A bapholhi”: Um Estudo sobre Percepções Sociais Relacionadas com a Emigração de Jovens para a RSA, entre os Tsonga de Phazimane.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:

Hélder Hélio Siteo

Supervisor:

Baltazar Samuel Muianga (MA)

Maputo, Julho de 2010

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Monografia de Mestrado em Sociologia: Um Estudo sobre Percepções Sociais Relacionadas com a Emigração de Jovens para a África do Sul, entre os Tsonga de Phazimane.

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para obtenção do Grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:

Hélder Hélio Siteo

Supervisor:

Supervisor: Baltazar Samuel Muianga (M.A.)

Maputo, Julho de 2010

O Júri

O Supervisor

O Presidente

O Oponente

.....

Maputo, aos.....de de 2010

UNIVERSIDADE EDUARDO MONDLANE

FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

Departamento de Sociologia

Título:

**“A bapholhi”: Um Estudo sobre Percepções Sociais Relacionadas com a Emigração
de Jovens para a RSA, entre os Tsonga de Phazimane.**

**Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a
obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo
Mondlane.**

Autor:

Hélder Hélio Siteo

Supervisor:

Baltazar Samuel Muianga (M.A.)

Julho de 2010



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Declaração

Eu, Hélder Hélio Siteo, declaro que este projecto de investigação nunca foi apresentado na sua essência para a obtenção de qualquer grau e que ele constitui o resultado da minha investigação pessoal, estando indicadas na bibliografia as fontes por mim utilizadas.

.....

Hélder Hélio Siteo



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Dedicatória:

À memória de meus pais Nguanazi Mabjaia e Manbjanyane Siteo, pela realização póstuma dos seus anseios; às minhas avós: *Nua-Mirubene e Nua-Manhiça*, aos meus tios à *nanana*, minha companheira, ao meu filho Nathan, aos meus irmãos (Cannucci, Joaquim Filipe, Jill Onésia, Cristina, Dirce, Carla, e Júnior), e todos os membros do círculo alargado que constitui a minha família; a todos vós eu dedico, do fundo meu coração, esta monografia.



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Agradecimentos:

A Deus e aos meus pais, Nguanazi Mabjaia e Manbjanyane Siteo, pela progeneritura; ao *màlumè* Vida, a *zazana* Lúcia e ao *madala* Simango, pelo carinho e encorajamento paternos sempre dispensados; a Jaklita Matsinhe: minha companheira, pelo conforto e pelo suporte nos momentos mais difíceis da elaboração desta monografia, e aos membros do círculo alargado que constitui a minha família; meus agradecimentos são particularmente endereçados ao dr. Baltazar Samuel Muianga (M.A.), meu supervisor tutorial, pela incondicional disponibilidade com que me orientou; aos docentes da FLCS da UEM, no geral, aos meus colegas e *companheiros de trincheiras* (entre eles: Sebastião Alfredo, Ângelo Sevene, Ricardo, e Granélio Tamele), de quem e com quem aprendi a desvendar os mistérios da *praxis* científica e a apreciar os encantos próprios do mundo social. Meus agradecimentos são também extensivos a James Mahamba, Manuel Tembe, Alfredo Ngulaze, Gilberto Matusse, Patrício Manuel, Celestino Nhádis e David Tamele ó pessoas sem as quais esta monografia não teria passado de um projecto quimérico. A todos vós, eu endereço o mais profundo e sincero *khanimambo* por terdes criado condições para que este momento tivesse efectivamente lugar.

Resumo

analisar a influência que as percepções sociais construídas em torno do papel de *homem* têm sobre o comportamento emigratório de jovens para a República da África do Sul (RAS). O argumento central aqui apresentado assenta na ideia de que, no contexto particular da comunidade Tsonga de Phazimane, a emigração de jovens para a RAS é uma prática influenciada por percepções sociais construídas em torno do papel de *homem*; tais percepções (construídas no decurso do processo de interacção quotidiana que os jovens estabelecem com os objectos sociais e culturais próprios do seu meio social de pertença) encontram-se consubstanciadas no e são legitimadas pelo discurso Tsonga sobre a masculinidade. Do que decorre que, o acto de emigrar é interpretado como uma prova de masculinidade; ao mesmo tempo em que constitui-se como um elemento definidor de *õstatusö*, e de todo um conjunto de privilégios que o facto de ser visto como homem, portanto, *ndota* nesse contexto específico de comunidade confere ao indivíduo.

Tal como se pode perceber pelo acima exposto, a comunidade tsonga de Phazimane, na localidade de Catuane-sede, foi o local escolhido para a realização do estudo em epígrafe; o estudo em causa envolveu a análise do conteúdo das histórias de vida de indivíduos cujo percurso vivencial acreditamos ser importante para perceber como é que as percepções sociais construídas em torno do papel de *homem* concorrem para criar entre os jovens da comunidade de Phazimane, a predisposição para emigrar para a RAS.

Com efeito, o recurso ao método de histórias de vida permitiu-nos perceber que, não é bastante procurar explicar o comportamento emigratório de jovens para a RAS como um fenómeno imanente da necessidade de auto-realização financeira e de procura de melhores condições de vida, como tem sido comumente abordado na literatura pertinente. Se bem que, o acto de emigrar para a RAS pode ser entendido como uma prática culturalmente determinada pelos usos e costumes ligados à construção social da masculinidade entre os tsonga de Phazimane.

Palavras-chave: Percepções sociais, Papel social do *õhomemö*, Masculinidade e Emigração.

Abstract

This monograph seeks to understand how social perceptions built upon the male's social role can influence the migratory behavior of young men towards the Republic of South Africa (RSA), in the particular context of the Tsonga's community of Phazimane. The basic argument presented refers that, young men emigration to South Africa is a behavior deeply influenced by the perceptions built upon the male's social role among the Tsonga people; and those perceptions (built during the interaction process of those whose migratory behavior we seek to understand and explain with the social and cultural subjects of the community that they belong to) are consubstantiated in and are legitimated by the Tsonga's local speech on masculinity. It is to say, that the emigration towards RSA uses to be interpreted as a proof of masculinity; and as an element which contributes on the definition of an individual's status and of a set of privileges concerning that status.

As the above stated, the Tsonga community of Phazimane was the chosen place for the realization of the study; which involved the content analysis of the life histories of four individuals intentional and conveniently chosen for the relative importance of their life carriers as *õba pholhiö* towards the Republic of South Africa or elsewhere.

Therefore, analyzing the migratory phenomenon through the method of life histories has helped us to understand that, it is not enough trying to explain the (e) migratory behavior of such a specific group of individuals, in this case young ones, only in terms of their needs of financial self-achievement, such as it has been commonly approached through the concerning literature. Even though, young men emigration to the RSA, can be understood as a practice culturally determined by the set of uses and folks related to the social construction of masculinity in the context of the Tsonga community of Phazimane.

Keywords: Social perceptions, Man's social role, Masculinity and Emigration



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

ãA verdade é sempre bem mais antiga do que qualquer opinião que possamos ter sobre ela; ignorar esse facto seria equivalente a acreditar ingenuamente que ela só passa a existir a partir do momento em que a descobrimos

Blaise Pascal (1623-1662).

Capítulo I.....	11
I. Nota Introdutória.....	11
1.2. Objectivos.....	14
1.2.1. Objectivo Geral.....	14
1.2.2. Objectivos Específicos.....	14
1.3. Revisão da Literatura e Formulação Teórica do Problema.....	15
1.3.1. Abordagem histórico - estrutural do comportamento migratório.....	15
1.3.2. Abordagem das Redes Sociais orientada para a análise das migrações.....	19
1.4 Hipóteses de Pesquisa.....	21
Capítulo II.....	22
2. Enquadramento Teórico e Conceitual.....	22
2.1. Referencial Teórico.....	22
2.2. Conceitualização.....	25
2.2.1. Papel Social.....	25
2.2.2. Percepção Social.....	27
2.2.3. Emigração.....	28
2.2.4. Masculinidade.....	28
Capítulo III.....	31
3. Metodologia.....	31
3.1. Constrangimentos.....	33
Capítulo IV.....	34
4. Análise e Interpretação de Resultados do Campo.....	34
4.1 Sobre o Local de Pesquisa.....	34
4.2 Aspectos Sócio ó culturais.....	34
4.3. Histórias de vida de quatro jovens õbapholhiõ.....	36
4.3.1 A história de vida de Manuel Tembe.....	36
4.3.2. A história de vida de James Richard Mahamba.....	40
4.3.3. A história de vida de Alfredo Nguilaze.....	45
4.3.4. A história de vida de Gilberto Matusse.....	47
4.4 A emigração para a RAS e a Construção Social da masculinidade dos jovens.....	51
4.5. Considerações Finais.....	54
4.6. Bibliografia.....	57
Anexos.....	60

Capítulo I

I. Nota Introdutória

O presente trabalho apresentado sob o título "*A bapholhi*": *um estudo sobre as percepções sociais relacionadas com o comportamento emigratorio de jovens para a África do Sul, entre os tsonga de Phazimane*, é o corrolário de um projecto de investigação desenvolvido para apresentação em cumprimento parcial dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em Sociologia na Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM).

O estudo, que nos propomos desenvolver, visa analisar a influência que as percepções socialmente construídas em torno do papel social de *homem* têm sobre o comportamento migratório de jovens¹ para a República da África do Sul (RAS), no contexto particular da comunidade tsonga² de Phazimane.

O nosso interesse pela análise da influência que as percepções relacionadas com o papel social de *homem* exercem sobre a emigração de jovens para a RAS, é decorrente do facto de havermos constatado que, não é bastante procurar explicar o comportamento emigratório ou a emigração de jovens para a RAS, em termos, meramente, económicos, portanto, como um fenómeno resultante da necessidade de auto-realização financeira e de procura de melhores condições de vida, como tem sido comumente abordado na literatura pertinente.

¹ Para os efeitos do presente estudo o termo *jovens* reporta-se exclusivamente a indivíduos do sexo masculino na faixa etária entre 17 e 40 anos de idade. Para mais detalhes sobre o conceito em alusão vide o capítulo sobre a metodologia.

² No entender de José C. F. Feliciano (1996) O termo *tsonga* foi inicialmente usado por Heni Junod para designar o conjunto étnico do Sul do Save. António de Ritta-Ferreira (1958), por seu turno, sugere que o termo *tsonga* é usado com referência aos grupos populacionais que habitam a maior parte da região ao Sul de Moçambique, desde o rio Maputo até ao Save e que denotam um certo grau de homogeneidade cultural e linguística.

tal, chama atenção para a perda da centralidade explicativa da ideia de que os jovens, particularmente os da comunidade tsonga de Phazimane emigram para a RAS impelidos por razões de ordem económica, assim como abre espaço para uma análise da influência que as percepções socialmente construídas em torno do papel social de *homem* exerce tanto sobre a propensão para emigrar tanto no que diz respeito à direcção da corrente migratória. Se bem que no contexto particular da comunidade visada, a emigração constitui um comportamento esperado, portanto, uma prova incontestável de masculinidade perante o sexo oposto, como diria Ritta-Ferreira (1963).

Metaforicamente, adoptamos a expressão *A bapholhi*³, que literalmente significa os emigrantes, para nos referirmos à forma como a emigração para a RAS é concebida e interpretada entre os tsonga de Phazimane, no quadro do processo de interacção social que estabelecem no seu dia-a-dia.

Sob ponto de vista fenomenológico, a emigração de jovens da comunidade tsonga de Phazimane para a RAS, apresenta-se como uma realidade subjectivamente interpretada por aqueles, e dotada de sentido no decurso do processo de interacção social que estabelecem no quotidiano; a partir dessa interpretação da realidade comportamental por si vivida, formam um mundo coerente; que como defendem Berger & Luckmann (1990), é apropriado pelos sociólogos e transformada em objecto de sua análise.

O presente estudo encontra-se dividido em quatro capítulos. O primeiro capítulo, compreende, a nota introdutória, a enunciação dos objectivos: geral e específicos que nortearam o processo de elaboração do presente trabalho, a revisão da literatura e a formulação teórica do problema de investigação e, por conseguinte, a enunciação das hipóteses de pesquisa.

³ O termo é, geralmente usado com referência aos emigrantes clandestinos; contudo tem um significado fluido justamente por não estabelecer uma distinção concisa entre o clandestino e o legal.

a teoria que serviu de referencial para a elaboração do trabalho. Os principais conceitos operatórios, designadamente: papel social, percepção social, masculinidade e emigração, enfatizando o papel que desempenham no desenvolvimento e esclarecimento do tema.

No terceiro capítulo apresenta-se a metodologia que orientou a realização do estudo, bem como os constrangimentos enfrentados durante o acto do levantamento de dados no terreno.

O quarto capítulo é, particularmente, reservado à apresentação, análise e interpretação dos resultados do trabalho de campo realizado na comunidade de Phazimane (Catuane-sede), no âmbito da elaboração do presente estudo. Finalizamos o trabalho com a apresentação da bibliografia que nos auxiliou na realização do mesmo e os respectivos anexos.

1.2.1. Objectivo Geral

Com efeito, ao levarmos a cabo o estudo em apreço procuramos duma forma geral:

- Perceber a forma como as percepções sociais - consubstanciadas no discurso tsonga sobre a masculinidade - influenciam a propensão para a prática da emigração para a RAS

1.2.2. Objectivos Específicos

E especificamente pretendemos:

- Identificar as percepções sociais construídas em torno do papel de *homem*, entre os tsonga de Phazimane, bem como a provável influência que as mesmas exercem sobre o comportamento emigratório para RAS;
- Analisar a forma como o processo de construção social da masculinidade influencia a emigração de jovens para a RAS, entre os tsonga de Phazimane.

e Formulação Teórica do Problema

abordar de forma específica o problema que suscitou o nosso interesse pela análise da influência que as percepções sociais relacionadas com o papel de õhomemõ exercem sobre o comportamento emigratório de jovens para a RAS no contexto particular da comunidade tsonga de Phazimane.

Com efeito, a revisão da literatura revelou que, existem, várias abordagens do problema da emigração, umas de carácter económico, outras de carácter sócio-psicológico. A maior parte das tentativas recentes carece, porém, de fundamentação satisfatória, pois estuda o problema isoladamente, fora do contexto social, ou seja, sem atender suficientemente ao contexto do qual provêm os emigrantes e àquele para que se dirigem.

Tal posição tende a conduzir a abstracções artificiais ou a generalizações estatísticas, fundadas menos nos verdadeiros sentimentos e motivações das pessoas envolvidas e nas pressões sobre elas exercidas do que em categorias impostas pelos investigadores sobre os seus materiais. Entretanto, procuraremos aprofundar o assunto mais adiante.

Tendo igualmente, nos permitido perceber que, destacam-se fundamentalmente duas perspectivas teóricas de abordagem do fenómeno que nos propomos estudar, nomeadamente: a perspectiva histórico-estrutural, em que se inscreve o estudo de Luís António Covane sobre *O trabalho migratório e a Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1992)* e a análise das migrações centrada nas redes sociais, em que se inscreve o estudo de Adérito J. Machava sobre a *Migração e transformações sócio-económicas em Matutuine*.

1.3.1. Abordagem histórico - estrutural do comportamento migratório

De acordo com Muniz (2009), a abordagem histórico-estrutural defende que, a migração seria resultado da desigualdade económica entre as regiões. Em outras palavras, a migração seria causada pelo diferencial de oferta e demanda existente no mercado de trabalho.

O mercado de trabalho coloca que regiões com escassez de mão-de-obra tenderiam a pagar salários mais elevados, e portanto atrairiam migrantes. Por outro lado, as áreas com excesso de mão-de-obra tenderiam a pagar salários mais baixos, graças a existência de um exército industrial de reserva.

O equilíbrio salarial se daria na medida em que a migração fosse equalizando o contingente populacional ao número de vagas disponíveis no mercado de trabalho. A migração actuaria como uma maneira de aumentar os salários nas áreas que estivessem perdendo indivíduos, e de diminuir os nas que estivessem recebendo. Dessa forma, o processo migratório ocorreria até que os diferenciais salariais se tornassem nulos ou insignificantes.

Um dos primeiros modelos clássicos de migração foi proposto por Lewis (1954). O referido autor considera dois sectores no seu modelo: um capitalista e outro de subsistência. No primeiro estariam incluídos os sectores mais industrializados e urbanos da sociedade, e no segundo estariam o meio rural e as actividades agrárias.

De acordo com os pressupostos do modelo, o sector agrícola possuiria excesso de mão-de-obra e pagaria um salário de subsistência igual a produtividade marginal do trabalho rural, enquanto o capitalista pagaria um salário fixo maior do que o salário agrícola para atrair a oferta ilimitada de mão-de-obra.

A dinâmica migratória equilibrante do modelo ocorre na medida em que o estoque de trabalhadores do sector rural é diminuído por causa da modernização da sociedade e por causa da migração para os centros urbanos, o que faz com que a produtividade marginal do trabalho rural, e conseqüentemente os salários sejam também ampliados. Em outras palavras, com a escassez de mão-de-obra no campo haveria uma tendência de aumento dos salários agrícolas, que causaria a redução no diferencial entre os salários urbano e rural, provocando assim o equilíbrio entre as produtividades marginais nos dois sectores e dando fim ao processo de ajuste via migração.

vel para explicar a migração rural-urbana nos países de Lewis não lida com o observável problema do desemprego urbano. Para propor uma alternativa ao modelo de Lewis, Todaro (1969) sugeriu a adopção de uma equação de retorno líquido esperado da migração que levasse em consideração não apenas os salários médios no meio urbano, mas também a probabilidade de se estar empregado nesse meio. De acordo com o autor em apreço, se a taxa de desemprego no meio urbano fosse muito elevada, a diferença entre os salários urbano e rural não seria suficiente para incentivar a migração.

Entretanto, sob o ponto de vista histórico-estrutural, vários autores dão um outro tipo de tratamento aos processos migratórios. Para Singer (1973) citado por Muniz [op.cit], por exemplo, as migrações seriam processos historicamente condicionados por características estruturais da industrialização. As mudanças demográficas, sociais e históricas, representadas sobretudo pelo crescimento populacional (decorrente da alta fecundidade), pela modernização e pela alteração das relações de produção seriam as principais responsáveis pela determinação da dinâmica migratória.

Segundo o autor acima citado, há dois tipos de factores de repulsão (*push*) actuando sobre a região de origem: os de mudança e os de estagnação. Nos primeiros, a introdução das relações capitalistas englobando novas técnicas de produção causaria o aumento da produtividade local, provocando assim a redução do nível local de emprego, a migração para outras regiões e conseqüentemente a redução do tamanho absoluto da população. Já os factores de estagnação seriam decorrentes da pressão populacional sobre os meios de produção agrícola. Neste caso, a migração seria resultado do crescimento agrícola com recurso à novas técnicas de produção agrícola não acompanhado pela ampliação do número de empregos no campo.

Ainda na senda de Singer (1973) citado por Muniz [op.cit] se pode perceber que, a migração é um fenómeno estrutural relacionado com a classe social (ou grupo) do migrante. Por ser um processo social, cuja unidade actuante não é o indivíduo mas o grupo; a hipótese básica levantada por Singer (1973) refere que o fluxo determina os movimentos unitários e estes só podem ser compreendidos no quadro mais geral daquele. Em outras palavras, principalmente por razões de cunho económico, num

classes ou grupos seriam postas em movimento e, haveria uma selectividade dentro destes mesmos grupos.

Deste modo, as migrações seriam consideradas como um processo macro-social, ligado aos fenómenos de classe, em que a unidade de análise são as próprias correntes migratórias e não os efeitos agregados de decisões individuais.

Ainda dentro do quadro da perspectiva histórico - estrutural de análise do comportamento migratório, Covane (2001) defende que os moçambicanos emigram para a RAS motivados por factores, predominantemente, de ordem económica; argumento que em nosso entender concorre para que a emigração, de um modo geral, seja abordada como um fenómeno marcadamente económico; e cujo fundamento explicativo pode ser encontrado na pretensa *falta de meios para a criação de condições susceptíveis de absorver a mão-de-obra*⁴ localmente disponível.

Não obstante o esforço de análise empreendido pelos teóricos da perspectiva histórico-estrutural, autores como Ducan & Mayer (1994) chamam atenção para o facto de a mesma não ser literalmente capaz de abarcar todos os aspectos do fenómeno migratório.

Pelo que, na sua opinião a lacuna desta perspectiva reside no facto de circunscrever a explicação dos comportamento migratório à análise dos factores de ordem económica; ignorando ou relegando para ulterior plano a possibilidade de a movimentação de indivíduos entre um e outro pólos de uma cadeia migratória poder, entre outros factores, depender de características demográficas como a idade e o sexo, que determinam o lugar de um indivíduo no ciclo da vida assim como o seu papel na família e na comunidade.

Sugerindo porconsequinte, que o estudo do comportamento migratório seja igualmente feito tomando-se em linha de conta a influência que as percepções sobre o estilo de vida,

⁴Vide, Covane (1990)

1.3.2. Abordagem das Redes Sociais orientada para a análise das migrações

Num estudo sobre *Teorias das Migrações Internacionais*, Sasaki & Assis (2000) a perspectiva das redes sociais é uma síntese das abordagens teóricas sobre a migração internacional; ela demonstra a necessidade de se complexificar as análises que se restringem aos aspectos económicos nos quais os migrantes parecem indivíduos que agem desconectados de relações sociais, portanto, ómarionetas do processo social, apontando para a importância de se analisar as redes sociais no processo migratório

Segundo Rocha-Trindade (1995), a abordagem das redes sociais assenta na ideia de que a emigração tem de ser vista como um comportamento, fundamentalmente, influenciado pela participação dos actores em redes sociais; as quais proporcionam o acesso a assistência e informação; tais redes são, geralmente, fundadas em laços familiares, de amizade e com base na identidade de uma determinada comunidade.

As redes interpessoais constituem factores de intermediação entre os actores e forças estruturais. Ao ligarem migrantes e não-migrantes as redes sociais dão origem à teias complexas de relações interpessoais que permitem conceptualizar as migrações como um produto social (Rocha & Trindade, 1995: 91).

Segundo Boyd (1986) citada por Sasaki & Assis (2000), a utilização das redes sociais não é uma novidade na pesquisa sobre a migração. Nos anos 70, estudiosos analisaram os processos de redes de migração e o papel que parentes e amigos desempenhavam no fornecimento de informações e auxílio no processo migratório.

Entretanto, os padrões de migração recente e as novas conceitualizações da migração concentram mais interesses na importância da família, amigos e origem comum que sustentam essas redes. Neste sentido, as migrações recentes resultariam também de um



PDF Complete
Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

as redes sociais, mais do que apenas decorrência de

Por seu turno, Massey (1990), igualmente citado por Sasaki & Assis (2000), afirma que as redes migratórias compõem um conjunto de laços sociais que ligam comunidades de origem a pontos específicos de destino nas sociedades receptoras. Tais laços unem migrantes e não-migrantes em uma teia complexa de papéis sociais complementares e relacionamentos interpessoais que são mantidos por um quadro informal de expectativas mútuas e comportamentos predeterminados.

É, por conseguinte, no quadro dessa perspectiva que Machava (2003) elabora o seu estudo sobre as *Migrações e Transformações Sócio-económicas em Matutuine*; no referido estudo, Machava (2003) defende a ideia segundo a qual a dinâmica actual do fenómeno migratório está relacionada com questões de índole sócio - cultural, designadamente, a exploração de laços de parentesco entre ambos os lados da fronteira, especialmente da sul-africana, à luz dos contactos que remontam ao século XIX, aquando do início das plantações do Natal e da exploração das minas de diamante e de ouro em Kimberly e Wittwatersrand, que criaram importantes fluxos migratórios entre os dois pólos da cadeia migratória, respectivamente.

Entretanto, uma análise às abordagens supra-expostas nos ajuda a perceber que, há um contexto macro (scópico) que estabelece condições estruturais, mas que ao nível micro(scópico) as decisões migratórias são influenciadas pela participação dos indivíduos em redes sociais, que proporcionam aos actores da emigração, portanto, os *ba pholhi*, o acesso a determinados recursos, nomeadamente, assistência e informação no local de emigração.

Paralelamente a isso, é importante que se tenha em atenção o facto de que apesar de a abordagem das redes sociais nos permitir compreender a forma como um actor social constrói a sua trajectória individual na relação que estabelece com outros actores sociais implicados na teia de relações sociais que constituem uma determinada comunidade, ela

os explicativos que esgotem a discussão em torno do ar.

Isto equivale a dizer que, o comportamento migratório de um indivíduo singular ou colectivamente considerado, é condicionado por estruturas económicas sociais e políticas inerentes à sua sociedade de pertença, por um lado, e à sociedade de destino, por outro. Estas estruturas são transportadas e influenciam indivíduos e grupos, através das relações e dos papéis sociais. Sendo por conseguinte, dentro desse quadro que colocamos o nosso problema de investigação sob forma da seguinte questão:

De que forma é que as percepções sociais sobre o papel de “homem” influenciam a emigração de jovens da comunidade tsonga de Phazimane para a África do Sul?

1.4 Hipóteses de Pesquisa

As hipóteses equivalem às principais respostas provisórias ou explicações do fenómeno a estudar, as quais deverão ser testadas pelos resultados da pesquisa.

Colocada a questão de partida, destacam-se duas proposições provisórias, ou seja dois enunciados que constituem respostas condicionais ao problema de pesquisa por nós levantado. Tais proposições sugerem que:

- As percepções sociais construídas em torno do papel de *homem*, entre os tsonga de Phazimane, constituem o quadro de referência em função do qual os jovens, particularmente os do sexo masculino, estruturam a sua atitude face à emigração para a RAS;
- Entre os jovens da comunidade tsonga de Phazimane, o acto de emigrar RAS é interpretada como uma prática culturalmente determinada pelos usos e costumes locais ligados à construção da masculinidade.

2. Enquadramento Teórico e Conceitual

2.1. Referencial Teórico

Esta monografia tem como base a perspectiva construtivista do real social proposta por Peter Ludwig Berger e Thomas Luckmann. A abordagem de Berger & Luckmann (1990) elucida a forma como o Homem constrói o seu próprio conhecimento sobre realidade e a maneira como se estabelecem as relações entre o seu pensamento e o contexto social no qual vive.

Berger & Luckmann (1990) socorrem-se à Fenomenologia para compreender os fundamentos do conhecimento na vida quotidiana. Eles apresentam uma teoria da sociedade que consiste num processo dialéctico entre a realidade objectiva e a realidade subjectiva.

O seu argumento principal assenta na ideia de que, a realidade é construída socialmente; e atribuem à Sociologia do Conhecimento o papel de analisar o processo em que esse facto ocorre. Notam-se no seu argumento, dois conceitos chaves, respectivamente: *realidade* e o *conhecimento*.

Estes autores, tratam estes conceitos da seguinte forma: *A realidade é percebida como uma qualidade pertencente a fenómenos que reconhecemos terem um ser independentemente da nossa própria volição*, isto, para dizer que, não se pode desejar que não existam. E o *Conhecimento* é visto como a *certeza que os fenómenos são reais e possuem características específicas* (Berger & Luckmann, 1990:11).

Em relação à sua teoria da sociedade, a abordagem consiste em duas dimensões, isto é, realidade objectiva e realidade subjectiva. Pode-se dizer que ela implica um processo



PDF Complete
Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

momentos: a exteriorização, a objectivação e a

A primeira dimensão, referente à realidade objectiva ilustra o processo pelo qual se objectiva ou se cria uma determinada realidade. Os actores sociais transformam o produto da actividade humana ó exteriorização ó vista como uma necessidade antropológicamente determinada e que se manifesta em todos os produtos humanos no mundo, em realidade objectiva.

É nesta dimensão onde ocorre a institucionalização, isto é, a tradução dos elementos culturais (ideias, símbolos, valores) em normas, papéis, regras que posteriormente passam a exercer um controle directo sobre a interacção dos actores sociais dentro duma colectividade.

Quando as instituições assim são formadas e cristalizadas, estas passam a ser encaradas como uma realidade objectiva e percebidas como existindo por cima e além dos indivíduos, ou melhor, são tomadas como se elas possuíssem realidade própria tendo um carácter exterior e coercivo.

Todas as instituições detêm um corpo de conhecimentos que fornece regras de conduta que permitem os actores legitimar a ordem social. E tudo que esteja objectivado, passa a constituir um reflexo do acervo social do conhecimento e do que as pessoas pensam, reflecte o objectivado dentro da sociedade.

A segunda dimensão, isto é, a realidade subjectiva, permite a ocorrência do processo ou momento de interiorização que consiste na apreensão ou interpretação imediata de um acontecimento objectivo como dotado de sentido, isto é, como manifestação de processos subjectivos de outrem que, desta maneira se torna subjectivamente significativo para mim

(Berger & Luckmann 1990:174).



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

acontecimento atribuindo-o um significado que
dir com o significado que os outros actores atribuem

ao mesmo fenómeno.

A interiorização, para Berger & Luckmann (1990), consiste na percepção, interpretação, questionamento, conclusão e argumentação de uma situação que esteja objectivada. O actor social assimila a realidade mediante as suas interpretações e suas conclusões resultantes de suas particularidades.

Este processo de interiorização, implica a formação de um universo simbólico, uma identidade subjectiva e um acervo social do conhecimento que leva à apreensão da realidade na consciência individual e isso é graças à socialização, processo pelo qual os indivíduos incorporam todo o acervo de conhecimento.

Nesta análise do carácter bi-dimensional da sociedade, notam-se, em Berger & Luckmann (1990), as influências de Weber e Durkheim: o primeiro pelo facto de ter considerado a Sociologia tendo como objecto, o complexo de significações subjectivas da acção (realidade subjectiva) e o segundo, por trazer os factos sociais como coisas (realidade objectiva).

Assim, a realidade passa a ser concebida por Berger & Luckmann (1990), numa perspectiva construtivista, isto é, encaram-na como socialmente construída, tendo os indivíduos concretos o papel de definidores dessa mesma realidade.

É neste âmbito que, estes dois autores outorgam à Sociologia do Conhecimento, a tarefa de ocupar-se com o que os homens conhecem como realidade em sua vida quotidiana, ou seja, à análise da construção social da realidade.

Esta perspectiva teórica proposta por Berger & Luckmann (1990), consubstancia-se na análise fenomenológica no entanto que, uma perspectiva sociológica e método de análise dos fenómenos da vida quotidiana. Afirmam os autores que, o método mais conveniente para compreender os fundamentos do conhecimento na vida quotidiana é o da análise

Assim, adoptamos no nosso trabalho, a análise fenomenológica que, por basear-se na compreensão que os actores sociais têm do real, acreditamos que nos permitirá perceber a forma como os jovens estruturam suas percepções sobre o papel social de *homem*, e como essas mesmas percepções influenciam a sua atitude face a emigração para a RAS.

Resultando do anteriormente exposto que, a perspectiva sociológica apresentada por Berger & Luckmann (1990) constituiu o quadro de referência dentro do qual procuramos analisar a influência que as percepções relacionadas com o papel social de *homem*, no contexto particular da comunidade tsonga de Phazimane, exercem sobre o comportamento emigratório dos jovens.

2.2. Conceitualização

A conceitualização é um dos procedimentos básicos para melhor esclarecimento do raciocínio dum trabalho de investigação, Macamo (2004: 15). Por isso pretendemos nesta etapa do nosso trabalho apresentar e desenvolver o sentido dos termos que constituem a *espinha-dorsal* do presente estudo, nomeadamente, os conceitos de *percepções sociais*, *papel social*, *masculinidade e emigração*, dando ênfase ao papel que desempenham no desenvolvimento e esclarecimento do tema

2.2.1. Papel Social

No entender do sociólogo francês Raymond Boudon (2004), o conceito de *papel social* é largamente usado em Sociologia teórica e nas investigações empíricas. Sendo definido como *um sistema de coerções normativas a que devem curvar-se os actores que o desempenham, e de direitos correlativos à essas coerções* (Boudon & Bourricaud, 2004: 414).

defende, que o conceito de *papel social* corresponde a expectativas ligadas a uma posição social. Expectativas dessas que, regulam invisivelmente a vida em comunidade/sociedade. É, igualmente, em função dessas expectativas que, se formam e transmitem-se as regras de comportamento consideradas aptas para o desenvolvimento do papel correspondente à posição ocupada pelo indivíduo no seio de um determinado grupo social (De Martis, 1999: 263).

Segundo Rocher (1975) o conceito de *papel social* está relacionado com a diferenciação de funções; sendo que cada uma dessas funções corresponde à condutas particulares e usos que vão responder à certas expectativas dos outros. Há tarefas que têm de ser feitas de certa maneira e só dessa maneira. Assim, o *papel social* é composto por normas à que está submetida a acção dos sujeitos que ocupam uma posição ou uma função particular num grupo ou colectividade.

Com efeito, no domínio particular das Ciências Sociais o conceito de papel social é, geralmente, entendido como um conjunto de comportamentos associados à masculinidade/feminilidade num determinado grupo ou sistema social.

Todas as sociedades conhecidas possuem um sistema sexo/género, ainda que os componentes de funcionamento deste sistema variem, bastante, de sociedade para sociedade.

Entretanto, para os efeitos do presente estudo, adoptamos a definição proposta por De Martis (1999), não obstante o grau de relativa similitude com a definição de *papel social* proposta por Rocher (1975); isto porque acreditamos que contenha elementos que nos permitam perceber como a noção de papel social é efectivamente apreendida, interpretada e compreendida pelos indivíduos que constituem a nossa unidade micro de análise sócio-antropológica, no quadro das interações que estabelecem com os objectos culturais e simbólicos da sua comunidade de pertença.

o de *percepção social* é geralmente definido com referência à forma como os indivíduos percebem os significados e os valores das coisas, o seu sentido ou função, dentro do seu contexto específico de sociedade. Essa mesma percepção orienta suas acções quotidianas.

No entender de Berger & Luckmann (1990), a percepção é uma actividade psicológica que não deve ser analisada numa única vertente. Como uma actividade psicológica, deve ser interpretada com base no contexto em que o indivíduo se encontra. Assim, a relação que o indivíduo estabelece no mundo social é que dita a percepção desse mundo passando a ser o seu conhecimento (Berger & Luckmann, 1990).

Por seu turno, Silva e Egler citados por Monjane (2007), definem a *percepção* como aquilo que nos permite formar ideias, imagens e compreensões do mundo que rodeia. Para estes autores o estudo da percepção pode revelar as ideias ou imagens e as impressões de grupo. Ainda no quadro da sua reflexão em torno do conceito de *percepção social*, Monjane (2007) sugere que o mesmo seja entendido como uma imagem mental compartilhada por uma comunidade num determinado período histórico, acerca dos objectos e dos acontecimentos do meio, explicando e simplificando a informação do meio social e físico envolvente.

Com efeito, o nosso entendimento sobre o conceito de percepção social é enformado pela definição proposta por Berger & Luckmann (1990). Isto porque acreditamos, na esteira desses dois autores, que enquanto produto da interacção que os jovens de Phazimane estabelecem com os objectos sociais e culturais do seu mundo social as percepções socialmente construídas sobre o que seja ser òhomemõ são, até um determinado ponto, dotadas da faculdade de influenciar a configuração do comportamento emigratório de um indivíduo.

onal, portanto, definido com relação ao conceito de imigração; esses dois conceitos constituem aquilo que geralmente se denomina migração.

Por migração entende-se a deslocação de uma pessoa ou grupo do seu local habitual de residência para outro local. E ao conjunto de pessoas que realizam essa acção denomina-se emigrantes. Este conjunto de pessoas é emigrante com relação à região ou país de origem, e imigrantes em relação à nova região ou país.

A socióloga portuguesa, Maria B. Rocha-Trindade (1995), entende que o termo *emigração* designa tradicionalmente o acto de emigrar, portanto, *a saída com ausência suposta de duração significativa, do país que é seu por relação de nacionalidade e por vivência no território que politicamente lhe está adstrito* (Rocha-Trindade, 1995: 35).

Emigrar significa, portanto, deixar a pátria ou terra própria para se refugiar, trabalhar temporariamente ou estabelecer residência em país estrangeiro; os protagonistas dessa acção são designados, por quem os considere ausentes e enquanto essa situação se mantiver, por emigrantes ou então *a bapholhi*.

A emigração assume formas e características diversas, espacial ou temporalmente, em função de variáveis políticas, económicas ou sociais, que caracterizam os movimentos assim designados e, ainda, de determinantes de natureza cultural que envolvem os actores que a realizam.

2.2.4. Masculinidade

No cenário bibliográfico das ciências sociais, a masculinidade tem sido abordada como uma categoria de discussão, fruto de um processo de construção social. Na sua acepção mais simples, o termo refere-se à qualidade do que é masculino.

intitulada *A construção Social da Masculinidade*, e ser entendida como um espaço simbólico de sentido estruturante que modela atitudes, comportamentos e emoções a serem seguidos. Aqueles que seguem tais modelos não só são atestados como homens como também não são questionados pelos que compartilham desses símbolos.

Connell (1995) define a masculinidade como sendo, ao mesmo tempo, uma posição nas relações de género, as práticas através das quais os homens e as mulheres ocupam esse lugar no género, e os efeitos dessas práticas nas experiências físicas, pessoais e culturais. A partir desta definição o autor apresenta quatro linhas teóricas que podem ser utilizadas para definir a masculinidade: o essencialismo, o positivismo, o normativo e a semiótica.

Com efeito, o essencialismo define a masculinidade como um conceito universal baseado na hereditariedade biológica; o positivismo define o masculino (numa perspectiva a-histórica) como uma estrutura única, um arquétipo; no normativo é definida uma identidade padrão onde a masculinidade é o que os homens devem ser, embora sejam tidas em consideração as diferenças entre os indivíduos masculinos; e a semiótica define a masculinidade através de um sistema de símbolos diferentes, no qual os espaços masculino e feminino são contrastantes, sendo a masculinidade definida como o não feminino.

Actualmente, utiliza-se o termo masculinidades em detrimento do termo masculinidade (Connell, 1995 e Segal, 1990). Isto porque se reconhece a diversidade e competitividade dos vários discursos de masculinidade existentes em diferentes culturas, grupos, ou épocas históricas. Na organização social da masculinidade, Connell (1995) identifica 4 categorias ou formas de masculinidade: a *hegemónica*, a *subordinada*, a *cúmplice* e a *marginalizada*.

A multiplicidade de masculinidades está presente em relações sociais definidas, muitas vezes em relações de hierarquia e exclusão. Há geralmente uma forma *hegemónica* de masculinidade, a mais honrosa, autoritária ou desejada, que num contexto social específico, impõe um discurso particular de ver a realidade social e o mundo.

As masculinidades implica sempre a análise das relações entre elas, e das múltiplas formas através das quais estão socialmente estruturadas. A dominância da masculinidade hegemónica, sobre outras formas de masculinidade (*subordinadas* e *marginalizadas*), tanto pode ser implícita, como declarada. A homofobia está omnipresente na subordinação de determinadas formas de masculinidade, assim como no policiamento das fronteiras da masculinidade.

Entretanto, no contexto específico da comunidade tsonga de Phazimane, o discurso sobre a masculinidade constitui-se naquilo a que o sociólogo moçambicano, Elísio Macamo, parafraseando Jean François Lyotard, denominou de *meta-narrativa*, portanto, um quadro de referência em função do qual os indivíduos que constituem a nossa unidade micro de análise estruturam a sua visão de mundo e de sociedade; e é dentro desse quadro de referência que se estrutura a sua decisão de emigrar.

Do que decorre que, enquanto produto de um processo de construção social, a masculinidade é culturalmente determinada, aprendida, partilhada e transmitida de geração-à-geração; por intermédio do processo de socialização por que os indivíduos passam enquanto membros de uma determinada colectividade.

A manifestação discursiva do conceito em apreço, ajuda-nos a entender que, entre os jovens tsonga de Phazimane o acto de emigrar para a RAS constitui-se, por um lado, como prova de maturidade social de um indivíduo, e um elemento definidor de *status social* assim como de todo um conjunto de privilégios que o facto de ser considerado *ndota*, portanto, *homem* confere aos indivíduos assim denominados.

3. Metodologia

No presente capítulo apresentamos as diversas fases em que se desenrolou o estudo, isto por forma a alcançarmos os objectivos propostos.

Para a realização do estudo, adoptamos o método qualitativo que, no entender de Minayo & Sanches (1993), nos permite aceder ao nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores expressos na linguagem comum e na vida quotidiana.

Segundo os autores acima citados, a pesquisa qualitativa não se baseia no critério numérico para garantir sua representatividade e um aspecto importante neste sentido, implica saber quais os indivíduos sociais têm uma vinculação mais significativa para o problema que esteja a ser investigado.

O uso de técnicas qualitativas combinou a observação directa e metódica da unidade de análise, entrevistas semi-estruturadas e histórias de vida de indivíduos convenientemente seleccionados; por forma a tornar possível a apreensão das percepções e opiniões sobre determinados aspectos que, no contexto específico da comunidade tsonga de Phazimane, influenciam o comportamento emigratório dos jovens.

Adoptamos a observação directa, por esta permitir captar os comportamentos e as relações sociais no momento em que eles se produzem sem a mediação de outros sujeitos entre a informação procurada e a informação obtida (Quivy, 1992:164).

Em relação às entrevistas semi-estruturadas ou abertas, a sua escolha teve fundamentalmente a ver com o facto deste tipo de técnica, nos ter possibilitado aceder as percepções e a vivencia dos *ba pholhi*, ao mesmo tempo em qu nos permitiu captar aspectos que de certa forma ultrapassam o nosso guião de entrevistas, contribuindo assim para conferir um maior grau de autenticidade e profundidade ao estudo do fenómeno em causa.

adidas com o recurso à história de vida de indivíduos intencional e convenientemente escolhidos, pela relevância, pertinência e representatividade do seu percurso vivencial. A informação obtida através dos seus depoimentos é particularmente valiosa para a análise das motivações e dos valores que concorrem para a definição ou configuração da situação de emigrante.

Segundo Bognan & Biklen (1994), as Histórias de vida correspondem a um tipo específico de estudos de caso; Um aspecto incontornável e marcante desta metodologia reside no facto de o indivíduo, na sua singularidade, ser o objecto de estudo e os dados obtidos, na primeira pessoa, a partir deste método tornarem possível a compreensão de aspectos básicos do comportamento humano.

Saliente-se pois que, neste tipo específico de estudo, o comportamento do indivíduo pode não ser considerado representativo de um grupo, mas também como o produto de uma unidade independente, da qual, todavia se obtêm generalizações úteis para a compreensão das dinâmicas de relação social, Bognan & Biklen (1994).

Enquanto método de pesquisa, as histórias de vida são largamente usadas em pesquisa empírica no campo das ciências Sociais e Humanas, tendo a particularidade de nos permitir observar a maneira como as pessoas universalizam a época histórica em que vivem numa articulação entre a sua biografia individual e seu contexto histórico.

Entretanto, a veracidade dos relatos dos actores sociais não pode ser considerada como um dado adquirido e, em cada caso, trata-se sempre de narrativas fortemente influenciadas pelo ponto de vista do próprio indivíduo, mas também as reticências, distorções e omissões presentes podem ser indicativas das regras ou dos valores sociais de que o indivíduo participa.

Não menos importante foi a revisão da literatura: ponto de partida incontornável e fundamental de toda e qualquer pesquisa no domínio particular das ciências sociais e humanas; a qual permitiu, que nos familiarizássemos com o problema de investigação levantado, mas também evitássemos uma duplicação de esforços, ou seja, a réplica não -



PDF Complete
Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

obre o comportamento emigratório de jovens para a

O trabalho de campo foi realizado no povoado de Phazimane - localidade de Catuane; durante um período de aproximadamente quatro (4) semanas, contadas a partir da segunda quinzena do Mês de Março de 2009. Sendo de referir que, o estudo teve como grupo alvo oito informantes: jovens do sexo masculino, na faixa etária compreendida entre os 17 e os 45 anos e cujo percurso biográfico se apresenta marcado pela emigração para a RAS, o que se reflecte no facto de quase todos possuírem referentes com passado de emigrantes (Bisavó, avó, pai, irmãos ou outros parentes etc.)

3.1. Constrangimentos

Não nos tendo sido possível realizar entrevistas de carácter mais abrangente, isto é, abarcando o maior número possível de histórias de vida, optamos, então, por procurar, com a ajuda do nosso guia local, identificar indivíduos cujo percurso biográfico, experiência vivencial ou história de vida nos ajudasse a melhor perceber como é que as percepções sociais construídas em torno do papel de *homem* concorrem para criar entre os jovens, membros da comunidade tsonga de Phazimane, a predisposição para emigrar, particularmente, para a RAS. Justificando-se assim o facto de o estudo ter sido realizado com recurso às histórias de vida e excertos de entrevistas havidas com oito de actores sociais.

4. Análise e Interpretação de Resultados do Campo

O presente capítulo é, particularmente, reservado à interpretação dos dados recolhidos; lembrando pois que, o acto de interpretar consiste fundamentalmente na confrontação do material empírico com as hipóteses de trabalho (Macamo, 2004: 22).

4.1 Sobre o Local de Pesquisa

A comunidade de Phazimane se encontra localizada na localidade do mesmo nome, em Catuane-sede; é limitada a Norte pela Localidade de Manhanganine, a Sul pela República da África do Sul, a Sudoeste pelo Posto Administrativo de Zitundo: através do rio Maputo, a Este pela Localidade de Tinonganine, no Posto Administrativo de Bela Vista através do Povoado de Ncassane e a Oeste pelo Reino da Suazilândia.

4.2 Aspectos Sócio – culturais

O tipo de habitação modal é de pau-à-pique, geralmente maticada, com cobertura de capim e/ou zinco, pavimento de terra batida. As condições habitacionais dominantes são as de famílias com rádio mas entretanto sem electricidade: embora Catuane ó Phaziamne já esteja ligado à rede eléctrica nacional desde finais de 2007 e princípios de 2008.

Em termos de disposição, as casas encontram-se esparsas, portanto, distantes umas das outras, sendo comum a existência de parcelas de terra sem nenhuma construção; possui uma escola de nível primário (1ª à 7ª classes), um campo de futebol - que costuma ser usado como pista para avionetas que aterrem ou então façam escala em Catuane ó Phazimane ó e um mercado composto maioritariamente por barracas (com presença destacável de refrigerantes e bebidas acoólicas).

Um aspecto de particular realce tem a ver com o facto de as trocas comerciais serem, mormente, feitas com recurso à moeda sul-africana: o Rand. E raras são as vezes em que ouve as pessoas conversando ou então comunicando-se em língua tsonga; sendo

Entretanto, no contexto específico da comunidade tsonga de Phazimane, os homens são os responsáveis pelo agregado familiar; O casamento realiza-se de duas formas: o tradicional (*Mutimba*) e o civil. O primeiro realiza-se por meio de pagamento do *lobolo*: que é em nosso entender uma espécie compensação matrimonial, geralmente, constituída por bens⁵ e/ou dinheiro que são entregues aos pais da mulher. Refira-se pois que, na opinião dos nossos interlocutores, a emigração de jovens para a RAS constitui a característica de vida dominante no seu contexto específico de comunidade; sendo parte importante do processo de construção da sua masculinidade desses mesmos indivíduos.

Com efeito, os resultados do trabalho de campo permitiram constatar que, normalmente, as actividades são realizadas em função do sexo dos indivíduos; existindo, por conseguinte, actividades para homens como a pesca, criação de gado, caça, produção de carvão e de lenha, enquanto que as suas mulheres são responsáveis pela realização de actividades tais como, a colecta de produtos vegetais para o consumo, a venda de plantas medicinais e de bebidas tradicionais caseiras. Entretanto, a prática da agricultura, nas margens do Rio Maputo, é uma actividade realizada por ambos os sexos.

De um modo geral, as suas famílias estão organizadas no sistema patrilinear⁶. Sendo comuns os casos em que um homem tenha desposado duas ou três mulheres, em casos extremos chega-se mesmo a encontrar indivíduos casados com cinco mulheres.

E paralelamente a esse dado, o número de filhos por cada unidade gregária que constitui uma família varia entre cinco e dez. E durante o período em que os indivíduos já casados se encontram a trabalhar e residir na África do Sul e/ou na Suazilândia, cabe às suas

⁵ Geralmente constituídos por cabeças de gado bovino, que dependendo das famílias podem variar entre 8 à 10; o leque de bens necessários para a realização do *lobolo* inclui ainda, uma bicicleta para o pai ou irmão mais velho da noiva, *fatinho* para a mãe, *mukumes* e lenços para as tias e avos, um pote de alumínio com cerca de 30 L de capacidade, localmente conhecido por *bhota*, vestimentas de seda e jóias (brincos, colar e pulseira de ouro) para a noiva.

⁶ Entende-se por sistema patrilinear àquele em que os direitos sociais, o apelido, a religião os antepassados, os bens são transmitidos em linha agnática, isto é, pelos parentes paternos; significando isso que os filhos nascidos dum casamento pertencem a família do pai e não da mãe (Rivière, 1995: 65).

Refira pois que, de vez em quando as mulheres também costumam emigrar para RAS, tendo como destino específico a povoação fronteirça de *Becka bantu*, na Província do Kwazulu Natal; com a diferença de que a emigração levada à cabo por elas tem um carácter pendular; visando, fundamentalmente, a aquisição de bens de primeira necessidade, como por exemplo, arroz, açúcar, pão, sabão e óleo para o consumo doméstico ou então para comercialização no pequeno mercado existente na comunidade.

Entretanto, os dados a seguir apresentados constituem o resultado da análise das histórias de vida de quatro indivíduos intencional e convenientemente seleccionados, e cujo percurso vivencial acreditamos ser relevante para a compreensão da influência que as percepções sobre o papel de *homem* exercem sobre o comportamento emigratório de jovens, num contexto particular organização social como é o caso da comunidade Tsonga de Phazimane.

4.3. Histórias de vida de quatro jovens “bapholhi”

Introduziremos, o presente subcapítulo, apresentando a história de vida de Manuel Tembe, para em seguida apresentarmos as histórias de vida de James Richard Mahamba, Alfredo Nguilaze e Gilberto Matusse. Adicionalmente, apresentaremos alguns exerctos das conversas que tivemos com David Tamele e Celstino Nhádis, no quadro da realização do trabalho de campo em Phazimane, que, como se poderá constatar, corroboram as informações obtidas a partir das histórias de vida de Tembe e Mahamba

4.3.1 A história de vida de Manuel Tembe

Manuel Tembe nasceu na localidade de Catuane, na segunda metade da década de 60 do século XX; onde reside actualmente; Tembe é o quarto na ordem de nascimento dos

Manuel Tembe: um ex-emigrante moçambicano na RAS;
Manuel Tembe: um ex-emigrante moçambicano na RAS, de nome Mussumbulucu

Manuel Tembe ou simplesmente *Missabene*, como é commumente tratado, é casado com três mulheres: Glória, Fátima e Maria e pai de oito filhos, sendo cinco rapazes e três raparigas; dentre os quais três se encontram actualmente a trabalhar e viver na RAS. Tal como a média dos rapazes da sua idade, *Missabene* passou parte, significativa, da sua infância apascentando gado da sua família; e sempre que possível também o fazia com relação ao gado de outras famílias; pelo que recebia um vitelo ao cabo de cada ano. Paralelamente à pastorícia, *Missabene* frequentava o ensino primário na escola elementar local; não tendo conseguido estudar para além da quarta classe, isto porque segundo ele *estudar era uma autêntica perca de tempo*, sendo ainda hoje comum ouvir encontrar indivíduos que pensem da mesma forma.

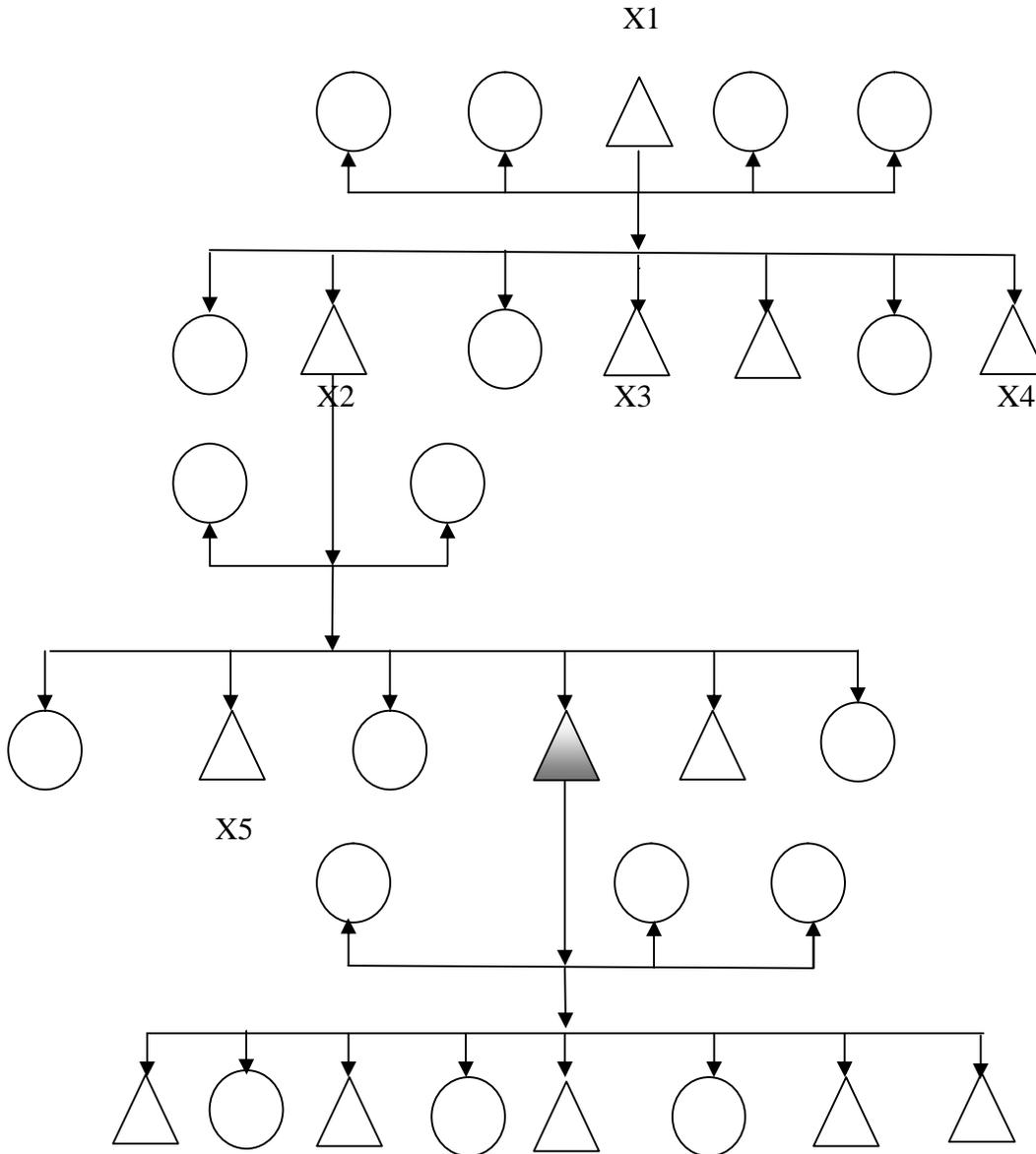
O campo de pasto (frequentado por rapazes com idades compreendidas entre 5/7 e 15 anos) é um espaço crucial no processo de construção da masculinidade de um indivíduo, isto por que, é nesse contexto que se inicia a sua socialização sexual, onde eles recebem, de pessoas mais experimentadas, os primeiros ensinamentos sobre o que significa ser homem, portanto, *ndota*, dando-se assim início ao processo de interiorização das premissas da vida adulta; e decorrente desse processo eles também aprendem sobre como ajustar esse status ao tipo ideal de homem definido pela sua comunidade de pertença.

A árvore genealógica do clã Tembe desde seu bisavó Mussumbuluco ilustra de forma bastante clara o quanto o seu percurso biográfico e vivencial é profundamente marcada pela emigração para a RAS, ao mesmo tempo em que nos permite perceber como o facto de alguns de seus antepassados terem sido *ba pholhi*, poderá ter influenciado a sua decisão de emigrar, bem como a maneira como ele percebe e interpreta o *way of life*, portanto, os usos e costumes do seu meio social de pertença.

Relativamente à motivação fundamental por detrás da sua ida à RAS, *Missabene* refere que,

ul principalmente porque precisava encontrar um
 sse arranjar algum dinheiro para *lobolar* a minha
 i reunir condições para *lobolar* aquela que é hoje
 a minha esposa, eu abandonei o trabalho nas minas, facto que coincidiu com a
 intensificação da escalada de guerra de desestabilização económica que
 naquela altura assolava o País, passando a dedicar-me exclusivamente à
 actividade agro-pecuária, aqui em Phazimane

(Missabene, Phazimane, aos 25/03/200)



Legenda:

△ - um Homem; X1, X2, X3, X4e X5 referentes do ego com passado de emigrantes



PDF Complete
Your complimentary use period has ended.
Thank you for using PDF Complete.

[Click Here to upgrade to Unlimited Pages and Expanded Features](#)

NB: O modelo genealógico acima apresentado foi adaptado de Claude Revière (1995).
Relativamente aos preparativos de partida, *Missabene* referiu que a sua partida foi antecedida do *ku phalha*: uma cerimónia familiar, em que se apela aos ancestrais sorte e protecção durante o percurso; isto é, no local de permanência e no emprego. Somente depois de observados todos esses procedimentos é que se seguiu a travessia da fronteira.

Segundo o nosso interlocutor, do outro lado da fronteira, uma realidade estranha e desconhecida o esperava; uma realidade que só conhecia por intermédio de relatos de familiares e amigos vivencialmente mais experimentados: a África do Sul ou então *djoni* como é sobejamente conhecida entre os tsonga.

Entretanto, como na grande maioria dos casos, o dia da sua partida não foi anunciado a ninguém, nem mesmo aos seus irmãos e parente mais próximos; somente os pais o sabiam. A notícia da saída deste só foi comunicada aos seus irmãos e demais familiares, quando este confirmou a sua chegada ao local de destino através do envio de uma carta, por intermédio de um mensageiro que fazia a entrega de bens dos migrantes na povoação. À esse propósito consideramos, particularmente, ilustrativo o seguinte extracto da entrevista que nos foi por ele concedida.

eu parti para África do sul no inverno de 1986 de manhã cedo, bem antes do sol nascer, aínda estava muito escuro e nesse dia fazia muito frio (...); apenas os meus pais sabiam da minha partida (...). cheguei ao meu destino muito tarde, era uma noite com muita chuva o que possibilitou que eu não tivesse muitos problemas com as autoridades policias sul africana

(*Missabene*, Phazimane, aos 25/03/2009)

Contudo, antes de chegar ao país de emigração, portanto, à RAS, *Missabene* escalou o reino da Suazilândia, onde trabalhou por um período de cerca de três (3) meses, como

riedade agro-pecuária pertencente a um cidadão de
posteriormente partido rumo à RAS.

Uma vez na África do Sul, *Missabene* procurou abrigo junto de familiares que já lá se tinham estabelecido; e foi com o seu apoio que conseguiu o seu primeiro emprego numa mina de ouro em Wittwatersrand; onde terá trabalhado clandestinamente⁷ até aos finais da década de 1980 e primórdios da década de 1990.

Actualmente *Missabene* dedica o seu tempo à criação de animais de pequena espécie, como são os casos de galinhas, patos e cabritos assim como à criação de gado bovino; ao mesmo tempo em que se dedica á actividade agrícola numa machamba herdada de seus antepassados, a qual se situa na margem ocidental do Rio Maputo.

Ademais, com parte das poupanças que conseguiu acumular ao longo dos anos em que esteve a trabalhar na RAS ele comprou uma viatura de marca Toyota Hilux, 2.4 D, com que faz o transporte de pessoas e mercadorias oriundas da Província sul-africana do Kwazulu Natal, a partir do posto simplificado de travessia localizado na comunidade de Txovane, na margem oriental do Rio Maputo, até a sede da Localidade de Catuane (Phazimane).

4.3.2. A história de vida de James Richard Mahamba

James Richard Mahamba é um indivíduo cuja história de vida em muito se assemelha a de *Missabene*. Mahamba nasceu na sede do Posto Administrativo de Catuane em Abril de 1967; é o quarto na ordem de nascimento dos 7 (sete) filhos de um ex-emigrante moçambicano na RAS, de nome Vimba Boy Mahamba; Mahamba é casado com duas mulheres, com as quais teve um total de seis filhos. Dentre os quais 4 (quatro) rapazes e 2 (duas) raparigas.

⁷ Isto é, à coberto de uma cópia do I.D. de um primo e amigo seu.

fundamente, marcada pela emigração para a RAS. Chegou a RAS no limiar da década de 80; Tendo sido fortemente influenciado por alguns dos seus principais referentes com passado de *ba pholhi*, nomeadamente o seu pai Vimba Boy Mahamba (X1) e seu irmão Spoon (X2).

James Mahamba ou simplesmente *Murawa* conseguiu o seu primeiro emprego numa propriedade agro-pecuária que localizada na Localidade de Manhangane, no Posto Administrativo de Catuane, onde trabalhou durante um período de cerca de três meses.

Os seus irmãos foram também migrantes, mas estes tiveram uma outra sorte; *Sedrick* (X1) e *Dumissani* (X4) foram trabalhar numa indústria têxtil que estava baseada na Província Sul-africana de Eastern-Cape, como controladores de produção na fábrica; sendo que mais tarde *Sedrick* (X1) passou a gestor de qualidade da mesma.

Mais tarde, isto é, um ano depois de abandonar o emprego na propriedade retromencionada, *Murawa* que na altura contava com cerca de 16 anos de idade, emigrou para o Kwazulo Natal na RAS na companhia de *Spoon* e *Madibane*: seu vizinho e amigo de infância, e de outros jovens que já tinham alguma experiência e conhecimento sobre o itinerário.

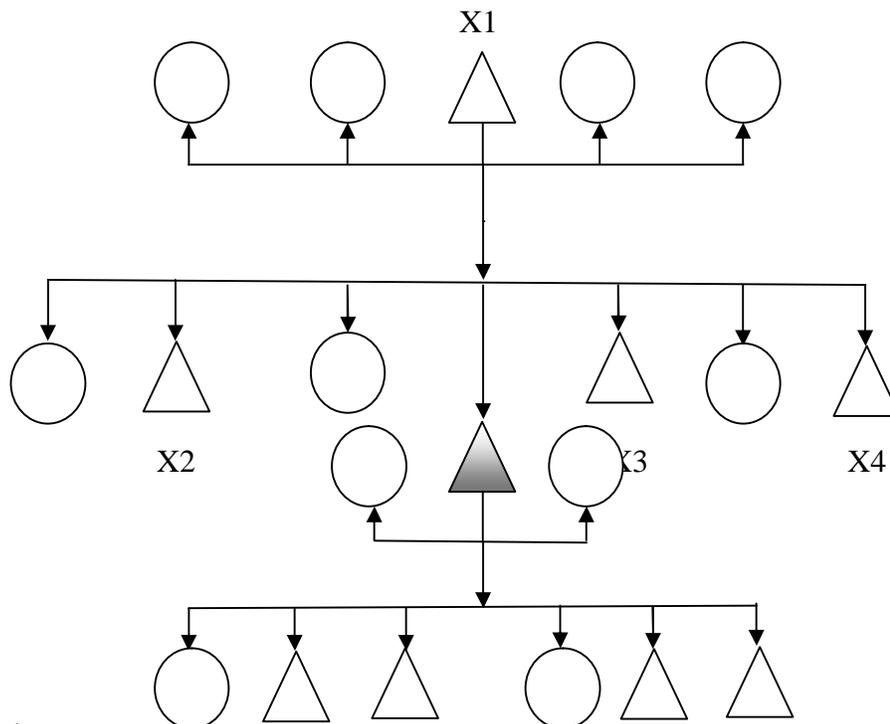
Quando chegou ao Natal *Murawa* conseguiu abrigo junto de familiares que já lá se haviam estabelecido. E foi, também, com o seu apoio que procurou e conseguiu empregar-se numa propriedade agro-pecuária / farma local pertencente a um cidadão Britânico, onde trabalhou, sob a condição de clandestinidade, como pastor de gado bovino, em troca de um salário mensal de 500 ZAR, até 1989; altura em que decidiu-se, então, por regressar à Phazimane.

Nas plantações do Natal, *Murawa* trabalhou com migrantes provenientes de outros países nomeadamente, Lesotho e Swazilândia, passando, em decorrência dessa situação, a integrar uma rede social, fundamentalmente, baseada em relações de trabalho. Segundo contara, a tónica das conversas desenvolvidas no contexto dessa teia de relações sociais gravitava, particularmente, em torno da importância que o facto de lá estarem a trabalhar, como migrantes que eram, tinha no processo de construção social da sua masculinidade,

os como *homens* ou simplesmente *madota*, portanto, cimento e de prestígio social.

Uma vez regressado à casa, *Murawa* e seus familiares começaram a encetar contactos visando concretizar subsequentemente o *lobolo* prometido às famílias das suas duas mulheres.

A árvore genealógica da família de *Murawa*, que vai desde o seu pai Vimba Mahamba até aos seus filhos, conforme o abaixo apresentado, ajuda-nos a perceber que o facto de existirem na sua família pessoas/referentes que tenham experimentado a aventura de emigrar para RAS, no caso seu pai e três dos seus irmãos: respectivamente, o primeiro, o quinto e o sétimo na ordem de nascimentos, poderá nalgum momento da sua vida ter, também, contribuído para influenciar a sua decisão de emigrar.



Legenda:



- um Homem; 1, X2, X3 e X4 referentes do ego com passado de emigrantes



NB: O modelo genealógico acima apresentado foi adaptado de Claude Revière (1995).

O *lobolo* significou o crescimento deste passando da fase de um simples jovem/*mufana* para homem/*ndota*, chefe da família, senhor de pleno direito e com poder de decidir acerca de coisas de fórum familiar.

A emigração para RAS não só contribuiu para colocar *Murawa* em contacto com uma nova realidade sócio-cultural, particularmente marcada pelo fenómeno de miscigenação étnica e tribal assim como terá contribuído, algo significativa, para que *Murawa* assimilasse novos elementos culturais, sendo disso exemplo a sua conversão à Igreja Doze Apóstolos⁸ e consequente adopção de um novo credo religioso, isto por volta de meados da década 90.

Éis que, depois do seu regresso definitivo a Catuane - Phazimane, *Murawa* passou a dedicar parte do seu tempo ao conselho dos *madota*, ocupando especificamente de aconselhar os mais jovens membros (*ba fana ba muganga*) da sua comunidade, particularmente em matérias relacionadas à constituição da família e as formas de resolução de conflitos interpessoais.

A partir de 1996, este passa a pertencer ao conselho dos *Madota* de Phazimane, que tem como função aconselhar as autoridades administrativas locais em matérias de resolução de problemas ligados ao conflito homem animal, posse de terra, gestão ambiental. Sendo de referir que paralelamente à função de conselheiro, *Murawa* desempenha igualmente a função de chefe da Localidade Phazimane.

⁸ da qual ele é actualmente Pastor.

indivíduo de novas habilidades, adquiridas enquanto cuária a que anteriormente nos referimos; como sejam a apropriação de novas técnicas de cultivo agrícola, o que por sua vez terá concorrido para aumentar a sua área de cultivo, produção do gado bovino, e feito dele um dos maiores produtores da sua comunidade.

Ademais, o facto de os seus filhos serem agentes activos no processo de exploração da sua pequena propriedade agro-pecuária contribui para avolumar a dose de prestígio e de reconhecimento social de que *Murawa* goza entre os membros da sua comunidade de pertença; ao mesmo tempo em que concorre para reforçar a ideia de que os filhos são maior a riqueza que um homem possui.

Entretanto, tal como a média dos indivíduos desta comunidade, os filhos mais velhos de *Murawa* não conseguiram estudar para além da quinta classe; não tendo podido prosseguir com os seus estudos porque o Catuane ó Phazimane teve de esperar até 2008 para testemunhar o arranque do segundo ciclo do ensino primário; e já por essas alturas seus filhos já se encontravam outro lado da fronteira; e o único local próximo onde o poderiam fazer era a Vila-sede do Distrito de Matutíne: Bela-Vista; o que logo a partida se apresentava como um factor de constrangimento, a par do qual estava o facto de *Murawa* não ter naquela vila familiares que pudessem dar abrigo aos seus filhos.

Em decorrência da constatação anteriormente levantada no ponto 4.1.2, referente aos aspectos sócio-culturais do local de pesquisa, particularmente no que diz respeito à estrutura de actividades, os filhos de *Murawa* são hoje criadores de gado bovino; e o nome da sua família figura na lista dos mais influentes criadores de gado da sua comunidade de pertença.

Actualmente, *Murawa* dedica parte considerável do seu tempo ao controlo da sua pequena propriedade agro-pecuária, dentro da povoação, e à procura de mecanismos para obtenção de possíveis soluções para a venda do excedentes de produção, particularmente o milho, mapira, a batata-reno e o tomate, resultantes da actividade agrícola.

contexto societal dos pais de emigração, *Murawa* virar um I.D. - documento de identificação pessoal que outorga ao seu portador o privilégio de poder trabalhar e viver como cidadão sul-africano. O que segundo nos contara constitui-se como uma prática comum entre os *õba pholhiö*.

4.3.3. A história de vida de Alfredo Nguilaze

Nguilaze, como é vulgarmente chamado em recurso ao nome de sua família, tem uma história um pouco diferente das dos dois antecedentes. Nguilaze é o primogénito de uma família de quatro irmãos e contava a altura das entrevistas com trinta (30) anos de idade. Seus pais já falecidos não deixaram mais nada senão a responsabilidade de cuidar dos seus mais novos irmãos.

Por imperativos de sustento da família, deixou cedo a escola onde frequentava a 9ª classe, para se dedicar a trabalhos eventuais *õbiscatesö*, para com 18 anos decidir-se pela emigração para a África do Sul.

Pelo que nos contara em entrevista, a motivação para deixar a escola e decidir-se pela emigração à África do Sul foi uma discussão havida com uma tia paterna; tempos depois da morte dos pais, devido a uma ajuda em suplementos alimentares que Nguilaze fora pedir, ao que fora insultado. Conforme contou em entrevista

fui pedir ajuda para mim e meus irmãos porque não tínhamos nada para cozinhar e minha tia começou a berrar comigo e a me insultar dizer que não tínhamos onde cair mortos, que tínhamos que nos virar. Ela disse que agora tinha que *õprovar* que sou homemö, e isso me tocou muito, logo pensei em arriscar e *õpholhar*

(Nguilaze, Phazimane, aos 20/03/09).

Na comunidade de Phazimane, onde Nguilaze vive, o *õku pholhaö* é considerado um acto de coragem frente aos perigos a que o acto assim descrito expõe os seus actores ó os rapazes; perigos esses que somente um *õhomemö* pode enfrentar; portanto, no contexto

ça de Nguilaze o òku pholhaö é interpretado como um busca de reconhecimento e prestígio social, do status de *ndota* entre os jovens do sexo masculino.

Independentemente de suas idades, os rapazes logo que consigam com sucesso atravessar clandestinamente a fronteira rumo à África do Sul são considerados gente crescida, portanto, òhomensö. Portanto, o acto de òku pholhaö significa a passagem de uma fase de vida *inferior* para uma outra fase mais *superior*, uma vez que significa o crescimento, a maturidade do indivíduo.

Entretanto, para a condição de Nguilaze, o facto de conseguir com sucesso atravessar para o território de destino não era suficiente para ser considerado um *ndota*.

Sua saída de casa deixou o resto da família desprovida de seu òganha-pãoö, e o acto supremo que contribuiu para consolidar a posição de homem de Nguilaze aconteceu quando finalmente conseguiu mandar mantimentos e outros haveres da África do Sul para seus irmãos. Como ele nos contou em entrevista,

as pessoas começaram a ver que tem homem em casa quando comecei a òpossitarö⁹ as coisas de Africa do Sul para casa, porque os meus irmãos ja podiam viver como pessoas, minha familia passou a ser respeitada. Até minha tia passou a me tratar de forma diferente. Quando voltei muitos começaram a dizer ònwananga, se ukulileö (meu filho ja és crescido) por verem o que fui capaz de fazer pela minha familia

(Nguilaze, *Phazimane*, aos 20//03/09).

Até a altura da entrevista, Nguilaze não era casado nem comprometido com nenhuma mulher e não tinha ainda filhos, mas conforme diz *öesse será o passo a dar para demonstrar que sou mesmo chefe desta familia* ö. No imaginário social da comunidade de Phazimane, nota-se que a vida repleta de responsabilidades, entrega, de actos heróicos constitui uma das fontes de categorização dos indivíduos, e dai a sua classificação como *Mofanas* ou *Ndotas*.

⁹ òPossitarö vem de òku possaö ou òku possitaö, que quer referir o acto de enviar ou mandar alguma coisa do exterior para o local de origem do remetente.

família antecedentes de emigrantes para África do Sul, enfrentar com sucesso essa realidade tida como fonte de maturação dos rapazes, o que me conferiu aos olhos da sua comunidade de pertença e da sua família o grau de adulto, de homem, portanto de *ndota*.

Por essa experiência e façanha, Nguilaze serve de inspiração para muitos rapazes de sua comunidade. Ao que nos contou em entrevista

outros miúdos daqui da zona vêm para pedir algumas dicas de como atravessar a fronteira sem encontrar õVa bunoo¹⁰ ou leões pelo caminho, perguntam-me o que eu fiz quando cheguei lá uma vez que não conhecia ninguém lá, onde trabalhei, o que é preciso fazer quando se chega lá, essas coisas...

(Nguilaze, *Phazimane*, aos 20//03/09).

4.3.4. A história de vida de Gilberto Matusse

A história de Gilberto Matusse, ou simplesmente Matusse, foi um outro caso encontrado ao longo do trabalho de campo. A sua ligação com a RAS começa com a sua viagem por aquelas terras, a convite de sua tia que lá reside, para uma época de férias escolares no ano de 1998, contava com 25 anos.

Depois do seu regresso à casa resolve abandonar a escola e aventurar-se definitivamente para RAS sem conhecimento da família. Como nos contou em entrevista, Matusse aponta que

depois de visitar minha tia na África do Sul tudo lá me encantou e eu não queria voltar, mas me obrigaram por causa da escola...quando voltei, fugi sem ninguém saber, sem dinheiro, sem passaporte, sem nada. Eu pensava em viver com a minha tia mas quando cheguei ela já não vivia mais lá onde conhecia, e tudo ficou difícil para mim e tive que ser homem de verdade

(Matusse, *Phazimane*, aos 19/03/09).

¹⁰ õVa bunoo significa os boeres ou brancos sul-africanos. Neste caso trata-se da guarda-fronteira sul-africana.

a, Matusse viu-se praticamente forçado a adaptar-se do local de chegada, *fazer o que “todo mundo” fazia...pedir “biscates”, trabalhar em farmas, trabalhar em oficinas mecanicas....* como forma de ser visto como membro da sociedade em questão, ou seja, por um lado, a sociedade acolhedora, por outro lado as pessoas que exerciam as mesmas tarefas que ele exercia.

A adaptação com sucesso conseguida por Matusse ao ambiente social sem passar por choques relevantes, constituiu uma fase significativa de seu crescimento. Matusse refere que no ambiente em que se encontrava

muita gente dizia que eu era mais grande do que a minha idade por causa das coisas difíceis que eu conseguia fazer e muitos não conseguiam fazer: fazia trabalhos pesados, onde era madado ia e fazia tudo dentro do tempo previsto, por isso muitos patroes passavam a confiar em mim, eu era já um filho de casa, passaram a me dar um quarto para usar, comida, etc.

(Matusse, *Phazimane*, aos 19/03/09).

Para as pretensões de Matusse o sinal de seu verdadeiro crescimento seria o reconhecimento social na sua terra natal, de forma que fez de tudo que estava ao seu alcance para mostrar que crescera e que era um verdadeiro *ndota*.

Uma das façanhas rumo à efectivação dessa aspiração foi a sua dissociação com a casa dos patrões para uma posterior construção de um pequeno alojamento na RAS, mudando de emprego em emprego até que conseguiu trabalho nas minas, onde ele considera ser a maior realização de todos migrantes moçambicanos que procuram trabalho.

Depois de sete anos sem regressar para Phazimane (em 2005) resolve concretizar a sua aspiração de crescimento individual junto à família. Conforme contou em entrevista,

resolvi mandar alguns M̄walos¹¹ para casa e uma carta a referir que eu era a pessoa que mandava. Da resposta por carta que recebi vi o

¹¹ O termo M̄walo refere-se as encomendas que os trabalhadores na África do Sul enviam para suas famílias, com artigos diversos comprados ou adquiridos como resultado do trabalho na África do Sul. A

presa que tiveram porque não imaginaram que
em dar notícia, eu estaria a trabalhar na África
deixei chamar meus dois irmãos mais novos para
a casa na África do Sul, mas não tinham
passaportes e não queriam olhar como eu e esperaram que eu
voltasse à Phazimane

(Matusse, *Phazimane*, aos 19/03/09).

Apesar dos feitos de Matusse ao longo de seu percurso pela RAS, aos olhos dos membros mais velhos da sua família, ele ainda não era considerado ndota, que merecesse tanto respeito. Precisava de reconhecimento social que fosse adequado ao imaginário social de Phazimane.

Na comunidade de Phazimane, Matusse era visto como um *õrico* sem basesõ: não tinha casa a não ser a de seus pais, não tinha esposa apesar da sua idade. Num dos seus regressos de visita por férias constatou um certo desdém por parte da família e mesmo de seus antigos amigos que, apesar de não terem se aventurado pela RAS, tinham conquistado estes feitos. Como conta Matusse,

quando voltei tive que dormir no mesmo lugar que dormiam meus irmãos mais novos, a mobília que tinha mandado não tinha sido usada porque eu não tinha uma casa própria para onde pudessem colocá-la, nem uma esposa que pudesse cuidar dela, eu tinha que aquecer água para banho por mim mesmo porque minhas irmãs estão nos seus lares. Meus amigos quando me viessem visitar sempre me gozavam a dizer que eu era *Ngwenza*¹², uma coisa inadmissível na nossa comunidade e até propuseram-me algumas raparigas que ainda eram solteiras

(Matusse, *Phazimane*, aos 19/03/09).

Esse extracto do depoimento de Matusse, revela entre outros aspectos que, o facto de ter migrado e conseguido amealhar bens materiais sem contudo estar casado, é um estado situacional que, de *per se*, não confere um *status quo* ao actor em causa. Ficando aqui percebido que o constrangimento social por que Matusse passou contribuiu sobremaneira na construção da masculinidade; uma vez que ao se deparar com a realidade familiar e comunitária de Phazimane, e apesar da posição que ganhara trabalhando na RAS, ele

maioria de *mãwalo* contem artigos alimentares, vestuário, calçado, utensílios domésticos, mobiliário de sala e de quarto.

¹² O termo *Ngwenza* refere-se a um indivíduo masculino com idade para esposar, mas que entretanto se encontra solteiro.

a estrutura, e isso contribuiu para que ele tomasse
confessou,

eu já não aguentava ouvir aquelas coisas todas...resolvi voltar imediatamente para RAS recuperar tudo que tinha deixado lá, enquanto mandava construir minha casa num terreno que meu pai me cedeu. Voltei definitivamente para Phazimane em 2008 quando minha casa estava pronta, trouxe todos os meus haveres da RAS. Facto muito engraçado é que meus amigos já tinham seleccionado uma rapariga que acharam combinar comigo para casar, e como eu já não queria mais ser olhado de lado facilitei as coisas, estou com ela até hoje, e já temos um filho juntos. Agora me sinto como membro desta comunidade e não pretendo viver mais na RAS

(Matusse, *Phazimane*, aos 19/03/09).

Entretanto, as percepções acima apresentadas, são corroboradas pelos depoimentos de David Tamele e Celestino Nhádis, dois jovens com que tivemos a oportunidade de conversar aquando da realização do trabalho de recolha de dados para efeitos de elaboração do presente estudo. Da conversa havida com Tamele no seu pequeno estabelecimento comercial, ficou claro que

muitos jovens daqui deslocam-se para a África do Sul, movidos não somente porque não encontram localmente nenhuma alternativa de emprego, mas também por força de razões de natureza cultural, quero com isso dizer que, a emigração de jovens para a África do Sul é uma prática que tem as suas raízes nos usos e costumes da nossa comunidade. Eu próprio já experimentei a aventura de *pholhar*, logo que concluí o ensino secundário em Bela Vista; vivi lá por dois anos mas porque lá também as condições de vida não são fáceis decidi voltar e com o apoio dos meus irmãos mais velhos montei uma pequena mercearia, no mercado local; onde para além de vender produtos de primeira necessidade, também, tenho disponível uma máquina fotocopadora

(Tamele, *Phazimane*, aos 18/03/09).

Em decorrência do supra-exposto, acredita-se localmente que através da emigração à RAS é mais fácil conseguir financeiros e bens materiais que o contrário. Daí o móbil às práticas migratórias. Nesse contexto, as palavras de Tamele são secundadas pelo depoimento de Celestino Nhádis ó director da Escola Primária local, quando refere que

para a África do Sul, ainda em idade escolar porque acreditam que lá a vida é mais fácil do que aqui. Normalmente, quando chegam lá alguns desses jovens fazem a mesma coisa que faziam cá deste lado, quero dizer com isto dizer que alguns chegam mesmo a trabalhar como pastores de gado bovino e como agricultores nas machambas ou farmas dos boers, em troca de valores monetários. Mas também entendo que esse comportamento tem a ver com os costumes locais, principalmente se tivermos em conta que esta é praticamente uma comunidade fronteiriça

(Nhádis, *Phazimane*, aos 13/03/09).

4.4 A emigração para a RAS e a Construção Social da masculinidade dos jovens

O acto de emigrar para a RAS marca simbolicamente a passagem de um indivíduo da fase de simples rapaz/*mufana* para a de homem/*ndota*, portanto, *homem de pleno direito*. Entretanto, apesar desta proposição parecer infirmada pela história de vida de Matusse, afigura-se importante realçar que, pelo que nos foi possível perceber, no decurso do processo de recolha de dados para a elaboração do presente estudo, os indivíduos do sexo masculino crescem numa atmosfera profundamente marcada pela percepção objectivamente fundada na ideia de que *é preciso emigrar para poder falar como homem entre os homens*.

Essa percepção que, em nosso entender, encontra eco no discurso tsonga sobre a masculinidade, permite que se compreenda, na esteira de Berger & Luckmann (1990), que a emigração para a RAS é parte do universo simbólico dos tsonga de Phazimane; É uma realidade que concorre para a estruturação do quotidiano dos indivíduos, e nesse contexto a mesma é interpretada como um rito de iniciação *par excellence*, portanto, como um mecanismo de legitimação social do indivíduo.

A partir das histórias de vida dos actores sociais em referência no estudo foi possível depreender que a percepção sobre como, quando e para onde emigrar é enformada pelo discurso tsonga sobre a masculinidade; o qual constitui aquilo a que o sociólogo moçambicano, Elísio Macamo, parafraseando Jean François Lyotard, denominou de *meta-narrativa*, portanto, um quadro de referência em função do qual os indivíduos que constituem a nossa unidade micro de análise estruturam a sua visão de mundo e de

Com efeito, a análise dos dados colhidos a partir dos depoimentos dos nossos entrevistados, revela que, a par do quadro das necessidades económicas, ou seja, a pobreza, a falta de oportunidades de emprego, a necessidade de auto-realização financeira, o acto de emigrar vai para além da vontade estritamente individual, resumindo todo um percurso cultural, que é ao mesmo tempo histórico, identitário e relacional.

Constatamos que, geralmente, os indivíduos emigram para a RAS porque as suas acções têm de ser iguais a de outros jovens da sua época e contexto histórico, constituindo uma das formas de se integrar activamente na vida cultural da comunidade, e de reprodução de uma ordem social (migratória). Factores como sejam a necessidade de reconhecimento social, status e prestígio social, concorrem para a estruturação do comportamento (e)migratório de um indivíduo. Sendo elucidativas da situação acima descrita as histórias de vida a seguir apresentadas.

Com efeito, se pode perceber a partir dos depoimentos aqui arrolados que, longe de ser vista como fruto de uma necessidade estrita e aprioristicamente individual, isto é, a par da pobreza, associada à limitação da estrutura de oportunidades de auto-realização financeira, a prática da emigração para a RAS reflecte, em nosso entender, uma necessidade socialmente determinada pelo desejo de ser apreciado como *ndota*¹³; ao mesmo tempo em que se constitui como uma realidade culturalmente determinada pelos usos e costumes locais ligados à construção da masculinidade; que enquanto produto de um processo de construção social, é aprendida, partilhada e transmitida de geração-à-geração, por intermédio do processo de socialização por que os indivíduos passam enquanto membros da comunidade tsonga de Phazimane.

¹³É um termo de uso comum entre os Tsonga de phazimane, geralmente empregue com referência à ideia de homem.

deixam perceber que a decisão de emigrar encontra-se influenciada pelas condições locais, sendo influenciada pelo *modus vivendi* prevalente no contexto da comunidade tsonga de Phazimane, particularmente se se tiver em conta que o prestígio e a fama que os *bapholhi* grangeiam dos demais no seu regresso à casa, passam a funcionar como um instrumentos de integração social, ao mesmo tempo em que funcionam como mecanismos de reprodução da ordem social *sui generis*: a ordem social migratória.

Dito de outro modo, pode-se perceber particularmente se tivermos em conta os depoimentos de *Murawa e Missabene*, por exemplo, que, a emigração para a RAS ocorre em função de uma pressão social e de conformidade com os padrões comportamentais contextualmente estabelecidos; não sendo, conseqüentemente, surpreendente a existência de um certo paralelismo entre os depoimentos dos nossos entrevistados, quando questionados sobre as razões que os levaram a emigrar para

NO presente trabalho procuramos compreender a forma como, no contexto particular da comunidade tsonga de Phazimane, as percepções sociais construídas em torno do papel social de *homem*: provedor de pão na família, esposo, pai angariador de receitas e bens materiais para uso doméstico, influenciam a emigração de jovens para África do Sul. Sendo de referir que essas percepções se encontram consubstanciadas no, e são legitimadas pelo discurso tsonga sobre a construção da masculinidade.

Porquanto, o acto de revisão da literatura revelou entre outros dados que, a emigração de jovens para a África do Sul, não pode ser explicada em termos meramente económicos, isto é, como um fenómeno exclusivamente imanente da necessidade de auto-realização financeira de um indivíduo e de procura de melhores condições de vida para si e seus familiares, como tem sido comumente abordado na literatura pertinente; Pois paralelamente aos factores de ordem económica existem os de ordem sócio-cultural, como seja a influência que as percepções sociais construídas em torno do papel de homem são susceptíveis de exercer sobre o comportamento migratório dos indivíduos em causa.

Com efeito, as histórias de vida dos actores sociais implicados no estudo chamam particular atenção para a complexidade real do fenómeno emigratório, assim como para a necessidade de se procurar analisar o comportamento migratório privilegiando a perspectiva dos *ba pholhi* ou seja, dos actores sociais que o corporizam; facto que em nosso entender serve para ilustrar de forma paradigmática o valor heurístico das percepções socialmente construídas em torno da imagem de *homem* assim como da influência que as mesmas exercem sobre o comportamento emigratório dos indivíduos que em princípio constituem a nossa unidade micro de análise.

Segundo foi possível constatar pelos dados de campo, no contexto particular da comunidade tsonga de Phazimane, o acto de emigrar representa o que na visão de Berger & Luckman (1990) designa o momento de exteriorização, isto é, de objectivação da realidade; uma vez que este acto é interpretado como prova de virilidade e da maturidade

no tempo em que se constitui como um elemento a série de privilégios que o facto de ser visto como nome/mãbia confere ao indivíduo.

Porquanto, o facto de ter emigrado e conseguido amealhar bens materiais sem contudo ãestar casado é um estado situacional que, por si só, não confere um *status quo* ao actor em causa.

Entretanto, a partir da análise das histórias de vida arroladas no presente estudo foi, igualmente, possível perceber que, em certa fase de sua vida, os jovens do sexo masculino passam a encarar a emigração para RAS como uma realidade objectiva, isto é, como a expressão de uma norma, um papel a cumprir, portanto, um papel em função do qual eles orientam as suas interacções no quotidiano da sua comunidade de pertença.

Entretanto, fica aqui plasmado que, no contexto da comunidade tsonga de Phazimane: *homem que não vai para a djoni, esse é um homem sem iniciativa*, até as mulheres zombam dele. E nos casos em que são já casados, chega-se mesmo a pensar que eles tenham sido *khotsolados ou engarrafados*¹⁴ pelas esposas. Essa percepção que, em nosso entender, encontra eco no discurso tsonga sobre a masculinidade, permite que se compreenda, na esteira de Berger & Luckmann (1990), que a emigração para a RAS é parte do universo simbólico dos tsonga de Phazimane e parte importante do processo de construção social da masculinidade do indivíduo.

Ademais, embora o comportamento migratório de um indivíduo possa ser influenciado por uma série de factores, o sexo e a idade do indivíduo ó factores que determinam o lugar do indivíduo no ciclo da vida, na família e na comunidade - a decisão sobre para onde emigrar, a influência de amigos e parentes/familiares, são de extrema importância para a compreensão da dinâmica do fenómeno migratório.

¹⁴ É um termo de uso popular que expressa a crença na ideia de que uma mulher tenha o controlo total do seu marido, com recurso à mediação de um curandeiro.

apresentados neste trabalho confirmam as hipóteses de construção da pesquisa. Por um lado, levantamos como primeira hipótese segundo a qual, no contexto particular da comunidade tsonga de Phazimane, as percepções sociais construídas em torno do papel de homem funcionam como uma espécie de quadro de referência em função do qual os jovens *bapholi* estruturam a sua visão de mundo e de sociedade e modelam a sua atitude face à emigração para a África do Sul.

Por outro lado, fica confirmada a segunda hipótese de que entre os jovens *bapholi*, o acto de emigrar para a RAS é uma prática culturalmente determinada pelos usos e costumes locais ligados à construção social da masculinidade.

1. **BERGER**, Peter Ludwig, **LUCKMANN**, Thomas. *A Construção Social da Realidade*. 13ª ed. Vozes: Petrópolis, 1990.

2. **BOUDON**, R., **BOURRICAUD**, F. *Dicionário Crítico de Sociologia*. São Paulo: Editora Ática S.A. 1993. 714P

3. **BOYD**, Monica ó *Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda*, in *International Migration Review*, 23(3):638-670, fall, 1989.

4. **COVANE**, Luís A. *O trabalho migratório e a Agricultura no Sul de Moçambique (1920-1992)*. Maputo: Promédia. 2001. 306P

5. _____ *A emigração Clandestina de Moçambicanos para as minas e plantações sul-africanas, 1897-1913*. in: *Cadernos de História*. Boletim do Departamento de Historia da UEM. N° 08 (Out. 1990, pp. 91-102).

6. **DE OLIVEIRA**, Pedro P. *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: Instituto Universitario de Pesquisas da UFMG/Rio de Janeiro, 2004. 347

7. **DUCAN**, P., **MAYER**, P. *Beginning Population Studies*. 2nd ed. Australia: NCDS, 1994, pp. 87-88

8. **HARALAMBOS**, Michael, **HOLBORN**, Martin. *Sociology: themes and perspectives*. London: Hans Educational. 1991. 839P

costumes Bantu. Tomo I, 2^aed., Lourenço Marques:
Imprensa Nacional de Moçambique, 1974. 530 P

10. **MACAMO**, Elísio. *A leitura Sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária da UEM, 2004. 298 P.
11. **MANN**, Peter. *Métodos de investigação sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar. 2002. 182P.
12. **MAUSS**, Marcell. *Manual de etnografia*. Paris: P.U.F.
13. **MASSEY**, Douglas et al. ó *The social organization of migration*, in Return to Aztlan óthe social process of international migration from Western Mexico, Berkeley, University of California Press, 1990, pg.139-171
14. **ROCHA-TRINDADE**, Maria B. *Sociologia das Migrações*. Porto: Universidade Aberta, 1995.410 P.
15. **RIVIERE**, Claude. *Introdução à Antropologia*. Lisboa: Edições 70. 1995

Artigos Electrónicos

1. *A teoria da masculinidade* in: EuroPROFEM - The European Men Profeminist Network, disponível em <http://www.europrofem.org>, acedido aos 21.10.09
2. **ALEXANDRE**, Marcos. *Representação social: uma genealogia do conceito*. Rio de Janeiro: Comum, vol.10, N^o 23, 2004. pp. 122-138. Disponível em: www.facha.edu.br/publicacoes/comum/comum23/Artigo7.pdf, acedido aos 24/05/09.
3. **MUNIZ**, Jerónimo. *Um ensaio sobre as Causas e Características da Migração*.

Teses de Doutoramento

1. **LOFORTE**, Ana Maria. *Género e Poder: entre os Tsonga de Moçambique*. 1996. Tese de Doutoramento em Antropologia ó Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE) de Lisboa.
2. **FELICIANO**, José C. F. *Antropologia Económica dos Tsonga*. Ano Tese de Doutoramento em Antropologia. 1996. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e Empresas (ISCTE) de Lisboa.

Teses de Licenciatura

1. **DE CARVALHO**, Francisco C. *Representações sociais do HIV/SIDA numa comunidade religiosa: o caso das testemunhas de Jeová*. 2004. 64 P. Trabalho de Fim do Curso de Licenciatura em Sociologia ó Unidade de Formação e Investigação em Ciências Sociais e Humanas (UFICS) da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
2. **MACHAVA**, Adérito J. *Migração e transformações sócio-económicas em Matutuine*. 2004. 45 P. Trabalho de Fim do Curso de Licenciatura em História - Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.
3. **MONJANE**, V. G. *Análise das percepções dos crentes muçulmanos e sua influência na prevenção do HIV/SIDA: caso das Mesquitas Muhamad, Juma e Chadulia da cidade de Maputo*. 2007. P. Trabalho de Fim do Curso de Licenciatura em Sociologia ó Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane. Maputo.



*Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.*

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Anexos

Em anexo apresentamos à seguir o guião de entrevistas de que nos servimos para proceder à colecta de dados que permitissem captar ou apreender as percepções sociais realcionadas com a emigração de jovens para a RSA, no contexto particular da comunidade tsonga de Phazimane, privilegiando sempre que possível a perspectiva dos actores sociais directamente implicados no assunto.

I. Caracterização dos entrevistados

- 1.1. Sexo
- 1.2. Idade
- 1.3. Estado Civil
- 1.4. Naturalidade
- 1.5. Número de Filhos
- 1.6. Número de Mulheres
- 1.7. Local de Residência
- 1.8. Local de Trabalho

II. Sobre as Motivações e Influências que determinam a emigração de jovens para RSA.

- 2.1. Qual foi a principal razão porque emigrou para a África do Sul?
- 2.2. O que lhe levou a optar pela Africa do Sul e não pela Suazilândia, por exemplo?
- 2.3. Quando é que emigrou pela primeira vez?
- 2.4. Como conseguiu fazé-lo?
- 2.5. Teve ajuda de alguém?
- 2.6. Para além de si, existe mais alguém na sua família que esteja ou tenha estado na África do Sul?

o papel de *homem* no contexto da comunidade tsonga de Phazimane e sua relação com a emigração para a África do Sul

- 3.1. Para si, o que é que significa ser *homem*?
- 3.2. No contexto particular da sua comunidade de pertença, quando é que um indivíduo pode ser considerado como *homem*?
- 3.3. Que relação é que se pode estabelecer entre aquilo, que no contexto da comunidade tsonga de Phazimane, se espera de um homem e a emigração para a África do Sul?



Your complimentary
use period has ended.
Thank you for using
PDF Complete.

[Click Here to upgrade to
Unlimited Pages and Expanded Features](#)

Lista de entrevistados

1. Albino Howana ó Chefe do Posto Administrativo de Catuane
2. Alfredo Nguilaze
3. Gilberto Matusse
4. Manuel Tembe - *missabene*
5. James Richard Mahamba - *murawa*
6. Patrício Manuel - guia local
7. Celestino Nhádis - director da Escola Primária local
8. David Tamele - *pequeno* comerciante local